

**OBSERVATÓRIO CONTRA A FRAUDE****Propriedade e votos:  
o Espírito Santo encoberto**

A subserviência do político em relação ao económico faz-se tanto nacional como internacionalmente. O crime organizado de colarinho branco aproveita-o sempre que pode

**Carlos Pimenta**

1. Afirmar que a corrupção faz parte da natureza humana, ou que é um produto cultural, engana-nos e reforça a inoperacionalidade social. A corrupção envolvendo baixos recursos, a mais frequente, pode criar essa ilusão. Contudo não é ela que destrói o nosso labor por uma vida mais digna, e impede que sejamos plenamente cidadãos.

Muito mais preocupante é a corrupção que enfraquece a autonomia relativa da política perante o mundo dos negócios. A propriedade cria poder, a produção e a apropriação da riqueza moldam as interações sociais dominantes, os referenciais ideológicos. E se os economicamente poderosos sempre tiveram intensa e sistemática capacidade de influenciar a organização política vigente, a fortíssima concentração da riqueza mundial num restrito número de famílias, a circulação dos capitais sem entraves e a desregulação têm diminuído a fraca autonomia do Estado em relação ao poder económico. A postura social-democrata de controlo político da actividade económica metamorfoseou-se na dependência do Estado do funcionamento dos mercados, espaços invisíveis e míticos de manifestação do poder da propriedade.

A corrupção de elevados recursos pretende quebrar os poucos laços de autonomia que o Estado preserva.

2. A corrupção política continua a existir, mas uma parte dela faz-se de uma forma mais abrangente e “racional”: pelo financiamento aos partidos políticos, particularmente aquando das campanhas eleitorais. O partido ganhador sabe a quem deve a vitória. As malhas interpessoais de compromisso envolvem os principais decisores e os financiadores, e alastram-se a todos os centros de decisão, ocupados pelas forças vencedoras. As portas giratórias entre o político e o económico rodam melhor, a violação das regras da con-

corrência e o favorecimento aparecem como actos espontâneos entre amigos: não se hostilize os “amigo do partido”.

Esta arma da subserviência do político em relação ao económico faz-se tanto nacional como internacionalmente. O crime organizado de colarinho branco aproveita-o sempre que pode.

O financiamento privado das campanhas eleitorais enche as contas dos políticos e o domínio dos senhores do dinheiro, mas diminui a confiança das populações, aumenta o absentismo, reduz a solidariedade, enfraquece a democracia, transforma progressivamente “um voto, uma pessoa” em “um euro, um voto”.

3. O caso Espírito Santo tem revelado algumas facetas deste mundo sórdido.

Agora que já saiu do átrio, a sucessão de acontecimentos apontam o calvário para muitos: novas fraudes a serem descobertas, prolongado fechar de olhos da supervisão, declarações políticas de apoio a Ricardo Salgado (que participou num Conselho de Ministros sobre política económica!) quando já havia dados suficientes para se ter interven-

do, subserviência ao Banco Central Europeu, risco sistémico sobre o débil e endividado sistema bancário português, impactos de desestruturação e destruição da actividade produtiva do país.

As declarações formais da primeira hora esfumam-se e a CGD, o Estado e os contribuintes pagam uma parte do que os antigos administradores e proprietários colocaram em contas protegidas pelo sigilo.

A pressa de vender pode não ser apenas tontearia, ausência de senso comercial e preocupação orçamental. É uma forma de arquivar investigações inoportunas (veja-se, por exemplo, as comissões da compra dos submarinos e a chantagem implícita de Ricardo Salgado), quiçá render luvas e vender barato a “amigos”, de campanhas eleitorais e circuitos financeiros internacionais previamente estabelecidos.

*Escreve à sexta-feira*

**Ricardo Salgado, o administrador do antigo BES****SESSÕES  
CONTINUAS****LAURO  
ANTÓNIO***Um orçamento para 2016*

A situação portuguesa não deixa de nos surpreender. Quando se julga que já se viu tudo, afinal ainda havia algo escondido na manga. No Orçamento do Estado para 2015 arquitetou-se agora o detonador ao ralenti. Se tudo correr bem em 2015, em 2016 haverá melhorias. E o que se chama correr bem para os relatores deste Orçamento? Se em 2015 os portugueses pagarem mais em impostos do que aquilo que o governo prevê agora em 2014, o remanescente será distribuído entre os contribuintes. Vamos, pois, pagar todos mais impostos em 2015 para receber algum de volta em 2016. O Dr. Portas e o CDS rejubilam: afinal sempre vai haver redução de impostos. Se não houver, a culpa não é do governo, é dos contribuintes que não pagaram o que deviam nem deram gorjeta. Haverá quem diga que este é um Orçamento cristão: porta-te bem agora que no futuro terás o paraíso. Também tem um toque muçulmano: podes imolar-te agora com uma bomba que terás bué de virgens no céu à tua espera. É também um Orçamento com sequelas desde já anunciadas: se não se concretizar em 2016, adapta-se para 2017 e seguintes. Situação inédita, dizem, invenção absoluta da nossa ministra das Finanças, do nosso primeiro, de um Conselho de Ministro que durou 18 horas com pausas para repastos ligeiros. Compreende-se. Reuniram em 2014 18 horas para economizarem em 2015, quando só irão reunir 12. E em 2016 já só reúnem 8, em 2017, já serão só 6, em 2018 ficam-se pelas 4, e em 2020 já não reúnem. Que sorte para os que estiverem vivos! E se deixassem de reunir já, não seria uma bela economia para o País?

Em vésperas de eleições, não se poderia exigir mais: tomem lá descontos para daqui a dois anos se portarem bem. Para a população ver a profunda boa vontade dos governantes, e o seu espírito solidário, anunciam que vão distribuir 2 euros e uns centimos mensais como aumento, e as famílias que tiverem mais de quatro filhos serão privilegiadas. Finalmente Portugal alinhou com os países ricos do Norte. Agora sim, vamos viver acima das nossas possibilidades.

Além de tudo o mais há uma questão curiosa em tudo isto: ninguém percebeu que vai haver eleições e que quem idealizou este Orçamento o deixa como herança para os vindouros? Ou será que as 18 horas foram mesmo para blindarem a casa e deixarem as portas armadilhadas? *Escreve à sexta-feira*